

ensinamento 8 conversação

A pedagogia engajada produz aprendizes, professores e estudantes autônomos, capazes de participar inteiramente da produção de ideias. Como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico. Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva. Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem. Na maioria das salas de aula, professores apresentam o material e estudantes o recebem passivamente — ou confiam à memória o que o professor diz ou fazem anotações para se lembrar. A maioria dos estudantes raramente lê essas anotações depois da aula. Ao regurgitar com sucesso o material, eles sentem que não há necessidade de se apegar ao conhecimento, utilizado para atender às demandas do curso. Ao olhar para trás, quando penso em meus anos de graduação, o que mais me lembro não é da energia e do conteúdo das apresentações, mas sim das conversas geradas por debates em sala de aula.

Em grande parte, a aquisição de conhecimento chega até nós, na vida diária, por meio de conversas. Como ferramenta de ensino, dentro e fora da sala de aula, a conversação é

incrivelmente democrática. Todas as pessoas falam, todas as pessoas se envolvem em conversas. Em *Learning Redefined* [O aprendizado redefinido], Dennis Rader exalta o poder da conversa:

A conversação contém diálogo, a troca de compreensões e sentidos no empenho para construir em meio à informação. A conversação é sempre inclusiva; ela incentiva e alimenta a voz individual enquanto se esforça para desenvolver uma visão de comunidade.

Em todas as raças, classes e gêneros, todas as pessoas se envolvem em conversação. E todo mundo se lembra de uma boa conversa, quando as ideias mutuamente compartilhadas incrementaram nossa compreensão, o compartilhamento de humor e sabedoria estimulou nossa capacidade de pensar criticamente e permitiu que nos engajássemos em uma troca dialética.

Grande parte do ensino que atualmente praticamos começa com uma longa aula expositiva. Ainda que concorde em palestrar, vejo o monólogo como a ferramenta menos útil para a transmissão de ideias. Uma vez que o público, em sua maioria, não tem a habilidade de ouvir ativamente, muito da informação oferecida em palestras se perde. E, frequentemente, o que não se perde é mal compreendido. O futuro do ensino está no cultivo de conversas, de diálogo. Concordo com Rader que "a conversa revela a sagacidade, ou a falta dela, no apresentador". Mais importante: ao conversar com professores e estudantes sobre como e quando ocorrem os momentos mais empolgantes do aprendizado, repetidas vezes escuto sobre a primazia da conversa.

Nós, que reconhecemos o valor da conversa como chave para a aquisição de conhecimento, também sabemos que

vivemos em uma cultura na qual várias pessoas não dispõem de habilidades básicas de comunicação, porque na maior parte do tempo são consumidoras passivas de informação. Tanto a televisão quanto o computador ajudam a promover o aprendizado passivo. Várias teorias feministas que examinam com olhar crítico as construções de masculinidade demonstram que, para fazer garotos se tornarem adultos patriarcalistas, a sociedade os treina para valorizar o silêncio acima da fala. Eles podem acabar se tornando pessoas que ou não sabem falar ou, quando falam, somente conseguem se engajar em um monólogo. Essas são as pessoas que impõem sua fala, que, ao se recusarem a conversar, promovem e mantêm uma hierarquia de dominação em que a retenção dá a uma pessoa poder sobre a outra. Conversa sempre envolve doação. A conversa genuína é compartilhamento de poder e conhecimento; é uma iniciativa de cooperação.

Em uma conversa em grupo com Paulo Freire, há mais de trinta anos, eu o ouvi afirmar enfaticamente que "não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornarmos sujeitos". Essa afirmação ressoou em mim. Ela afirmou a importância de eu me encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito. Vários estudantes frequentemente sentem que não têm voz, que nada do que dizem vale a pena ser ouvido. Por isso é que a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas.

Um modelo de aprendizado baseado na conversa é útil principalmente quando a sala de aula é diversa. Todos nós fomos, em alguma medida, socializados para nos sentir confortáveis em escutar ou falar durante uma conversa, de modo que é

menos provável que se ergam barreiras defensivas. Nos debates em sala de aula que não são conversas, é comum a ideia de que apresentar argumentos e refutações é a única maneira de abordar questões relevantes. Discussões baseadas em conflitos quase sempre convidam a mente a se fechar, ao passo que a conversa como meio de interagir nos provoca a abrir a mente. Com muita frequência, professores temem que, se uma conversa se iniciar em sala de aula, isso impedirá o debate da leitura obrigatória, do que interessa — pelo menos para eles. No entanto, a conversa consciente, a fala que é poderosa e energética, sempre destaca o que *realmente* importa. Quando conversas na sala de aula levam ao diálogo intenso, estudantes se engajam no material obrigatório com uma consciência aumentada. Rader acredita que a “conversa — a verdadeira conversa — é a forma de limpar venenos tais como pressupostos falsos, preconceitos, ignorância, desinformação, falta de perspectiva, falta de imaginação e teimosia do sistema”. Ainda que não seja produtivo se envolver em diálogos negativos quando a intenção é antes ganhar a disputa que comparar ideias, conversas que nos ensinam podem acontecer em alto volume e ser enérgicas; elas podem ser ferozes. No livro *Fierce Conversations: Achieving Success at Work and in Life*, One *Conversation at a Time* [Conversas ferozes: como ter sucesso no trabalho e na vida, uma conversa de cada vez], a autora Susan Scott nos incentiva a repensar a palavra “feroz”, explicando que “no dicionário de sinônimos Roget [...] a palavra *fierce* [feroz] tem os seguintes sinônimos: robusto, intenso, forte, poderoso, apaixonado, ávido, desenfreado, incontrolado, indomável”. Pode ser o lugar onde o conhecimento adquirido permanece conosco, nos proporcionando poder para abandonar o medo e

a insegurança, e encontrar o lugar da compaixão e da conexão. A compaixão cria um espírito de tolerância; ela intensifica o anseio por se comunicar, por compreender.

Rader insiste que a conversa promove compreensão, o que ele vê como um “tipo diferente de saber, mais consciente do todo e de suas variáveis interativas”. Ao expandir a explicação, ele compartilha este *insight*:

Conversas são poderosas. Elas podem nos redirecionar para diferentes definições e diferentes caminhos. Elas nos ajudam a olhar para questões complicadas a partir de diferentes perspectivas à medida que as viramos de um lado para outro e nos esforçamos para construir um novo entendimento.

Conversas não são unidimensionais; elas sempre nos confrontam com diferentes formas de enxergar e de saber. De acordo com Rader, elas geram “engajamento e contribuição”.

Várias ideias neste artigo e neste livro estiveram presentes em conversas entre mim e o educador Dennis Rader. Quando sentia que meus processos internos de pensamento não estavam tão energizados quanto eu queria, eu falava com Dennis e sentia uma energia renovada. Ao escrever este artigo curto, comecei a me preocupar com o fato de que era impossível determinar onde minhas ideias terminavam e onde as dele começavam. Isso me fez pensar novamente sobre a natureza democrática do aprendizado por meio da conversa. Há muita obsessão nos círculos acadêmicos em torno da propriedade das ideias. A competição pelo respeito acadêmico faz indivíduos terem uma necessidade desesperada de ser “a pessoa” que primeiro teve uma ideia. Na realidade, ideias estão sempre

circulando. Elas se renovam quando nos envolvemos em reflexões críticas internas, em conversas internas que dão expressão nova a um pensamento comum.

Nas oficinas sobre ensino que facilito durante debates em sala de aula, os caminhos para o aprendizado expressos na conversação são os que atraem os ouvintes, nutrindo-os intelectualmente. Tenho esperança de que futuros educadores conversem cada vez mais, entre si e com os estudantes, de modo que o modelo da conversação enquanto caminho para o aprendizado seja considerado legítimo como espaço genuíno para o pensamento sério e rigoroso.